

# INFLUÊNCIAS TROTSKISTAS SOBRE A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO DA AMÉRICA LATINA

## PRÓLOGO

Enquanto louvamos a James Petras e sua vida de militância e realizações acadêmicas, retorno a um tema que tem sido de profundo interesse para mim desde nossos anos de estudantes da graduação durante o começo da década de 1960. Nosso interesse evoluiu através da leitura e compreensão das revoluções e do contato com os progressistas da América Latina. A Revolução Cubana particularmente nos influenciou. Diferente de muitos dos nossos professores, nós viajávamos com frequência, partilhávamos preocupações e nos tornamos sensíveis às questões e aos problemas da América Latina. As causas da região tornaram-se as nossas próprias, enquanto frequentemente nos manifestávamos contra a política norte americana. Ao longo dos anos,

RONALD H. CHILCOTE\*

## RESUMO

Elaboração de quatro conceitos no pensamento de Trotsky (atraso; desenvolvimento desigual e combinado, revolução permanente e transição e revolução socialistas) que são úteis para a compreensão da teoria do desenvolvimento e sua relevância para as teorias do desenvolvimento capitalista, subdesenvolvimento e dependência, como destacadamente manifestada na América Latina durante a última metade do século XX. Identificação de movimentos Trotskistas e suas tendências fragmentadoras. Exame dos principais teóricos e suas idéias, com ênfase no pensamento argentino e brasileiro e sua relevância para a teoria do desenvolvimento.

## ABSTRACT

Elaboration of four concepts in the thought of Trotsky (backwardness; combined and uneven development, permanent revolution, and socialist transition and revolution) that are useful in understanding developmental theory and their relevance to theories of capitalist development, underdevelopment, and dependency, as prominently manifested in Latin America during the last half of the twentieth century. Identification of Trotskyist movements and their splinter tendencies. Examination of principal theorists and their ideas, with emphasis on Argentine and Brazilian thought and their relevance to developmental theory.

\* Ronald H. Chilcote é professor de ciências econômicas e políticas na Universidade da Califórnia, Riverside e fundador e editor chefe da *Latin American Perspectives*.

Agradecimentos a Timothy Harding, Michael Löwy e Adam Morton pelos comentários e sugestões ao meu manuscrito e a Jennifer Dugan Abbassi, Stan Mallison, e Jerry Riposa pela assistência na pesquisa.

Jim escreveu muitas dúzias de livros e centenas de artigos, e estabeleceu uma base para a compreensão da América Latina e suas relações com o mundo exterior. Apesar de nossos pontos de vista terem ocasionalmente divergido, fundamentalmente temos em comum nossas críticas à política norte americana e nosso desejo por uma mudança radical na América Latina. Nossa colaboração é evidente na revista bimestral *Latin American Perspectives* com nosso empenho editorial desde seu início, em 1974; no livro *Latin America: the struggle with dependency and beyond* (1974) que vendeu dezenas de milhares de cópias e foi amplamente utilizado em salas de aula universitárias; e em um volume sobre as transições no sul europeu (1992).

Em minhas viagens, encontrei muitos intelectuais de esquerda que representavam um leque de perspectivas progressistas. Alguns de seus pensamentos foram influenciados por Cuba quando se voltaram contra as idéias que haviam emanado da União Soviética e da Terceira Internacional e foram proeminentes entre partidos comunistas por toda a América Latina. Regimes autoritários prevaleceram na maior parte das regiões onde a repressão e a censura tornaram difícil aos intelectuais falarem e escreverem, e muitos deles procuraram expressão através de partidos comunistas. Em 1953, a morte de Stalin e a ascensão de um movimento revolucionário em Cuba liderado por Fidel Castro e Ernesto ‘Che’ Guevara abriu a vida intelectual para novas idéias, formação de novos partidos e movimentos sociais, diversas tendências radicais organizadas no âmbito trabalhista e um desafio para os tradicionais partidos comunistas. Uma nova geração de intelectuais se direcionou rumo a outros grupos políticos de esquerda, enquanto muitos intelectuais mais antigos confrontaram uma ortodoxia de idéias dentro de seus partidos e alguns aderiram ao diálogo sobre a nova esquerda.

Visitei Havana em setembro de 1958, poucos meses antes de a Revolução consolidar seu poder, e retornei dez anos depois, quando Fidel condenou a invasão soviética da Tchecoslováquia e estudantes e intelectuais questionavam a agressão. Por toda a América Latina, a atenção desviou-se de Moscou e voltou-se para Havana, e novas idéias e modos de pensar começaram a

desafiar a intransigência soviética de que o atraso era devido ao semifeudalismo e que a ascensão de uma burguesia nacional iria assegurar o desenvolvimento dos meios de produção sob o capitalismo e eventualmente uma transição para o socialismo. Em minhas viagens durante os anos de 1960, ficou claro que as novas idéias haviam aberto debates e um intenso interesse em como o imperialismo havia impactado o desenvolvimento ou subdesenvolvimento latino americano, e esta noção de dependência do mundo capitalista avançado e especialmente dos Estados Unidos foi essencial nas formulações teóricas. Alguns dos novos pensamentos eram atribuídos às idéias de Leon Trotsky, o qual passou os últimos anos de sua vida no México e incorporou a América Latina em seu pensamento sobre o mundo. Conheci alguns intelectuais que foram influenciados por Trotsky. Fui influenciado pelos primeiros escritos de Silvio Frondizi (1947, 1957, e 1960) na Argentina, Guillermo Lora (1977) na Bolívia e Luis Vitale (1968) no Chile. Por mais de vinte anos, correspondi-me com Lora, que compartilhou seus escritos comigo, e ocasionalmente Luis Vitale e eu estivemos em contato [enviei-lhe a trilogia de Isaac Deutscher (1954-1963) sobre Trotsky, após ele ter me enviado seu livro denunciando a administração de Frei que levou a sua prisão].

Este breve panorama ajuda a compreender minha motivação para explorar mais profundamente as influências de Trotsky no pensamento latino americano sobre desenvolvimento, subdesenvolvimento e dependência.

## TROTSKY E A TEORIA SOBRE SUBDESENVOLVIMENTO E DEPENDÊNCIA

O pensamento de Leon Trotsky (1879-1940) inspira-se na sua militância política na Rússia e na revolução bolshevique<sup>1</sup>, além do exílio no México (de 1937 até sua morte), após sua expulsão em 1929. Essa experiência o levou a refletir teoricamente acerca de quatro conceitos centrais para compreender o desenvolvimento capitalista, subdesenvolvimento e dependência, destacando América Latina durante a última metade do século vinte (1961).<sup>2,3</sup>

### Desenvolvimento capitalista atrasado e tardio

Países menos desenvolvidos não seguem necessariamente o caminho de nações desenvolvidas, e suas condições podem resultar da pressão ou influência do capitalismo avançado. ‘Atraso’ pode ser descrito como desenvolvimento capitalista retardado, um conceito frequentemente encontrado na literatura sobre subdesenvolvimento, oriundo de diversas influências do capitalismo avançado. Trotsky frequentemente usava esse termo para descrever a Rússia, e a revolução que ele previa, como uma revolução do atraso. Ele descreveu essa condição no seu *A Revolução Russa*: ‘A característica fundamental e mais estável da história russa é o ritmo lento do seu desenvolvimento, o atraso econômico, o primitivismo das formas sociais e baixo nível de cultura resultante daí’ (1959: 1).

Embora o país atrasado ‘assimile as conquistas materiais e intelectuais dos países desenvol-

vidos’, ele ‘não se apropria das coisas na mesma ordem... O privilégio do atraso histórico... permite... saltar uma série de etapas intermediárias... Naturalmente, a possibilidade de saltar etapas intermediárias, jamais é absoluta. Seu grau é determinado, em longo prazo, pela capacidade econômica e cultural do país. Ademais, a nação atrasada não raramente desvaloriza as realizações emprestadas no processo de adaptá-las à sua própria cultura mais primitiva’ (2-3).

A constante referência de Trotsky ao atraso é semelhante à concepção de Paul Baran, no seu *best-seller* na América Latina, *Economia Política do Crescimento*. Ele escreveu: ‘O mundo atrasado sempre tem representado o imprescindível interior do capitalismo ocidental altamente desenvolvido’ (1960: 12). Argumentou que a região não disporia de condições para alcançar uma acumulação de capital semelhante à dos países desenvolvidos, resistindo ao cerco do capitalismo monopolista e do imperialismo.

André Gunder Frank estudou com economistas conservadores na Universidade de Chicago, porém recebeu a influência de Paul Baran, um renomado economista marxista da Universidade de Stanford. O economista brasileiro Guido Mantega acredita que tanto Trotsky quanto Rosa Luxemburgo podem ter influenciado Frank. Ele ressalta que a posição de Luxemburgo sobre relações entre o capitalismo avançado e os países pré-capitalistas coloniais assemelhava-se à hipótese de Trotsky sobre a tendência de estagnação do capitalismo durante as primeiras décadas do século XX. Luxemburgo e Trotsky notaram

que a acumulação levaria a uma polarização de classes numa escala mundial.<sup>4</sup> Trotsky acreditava que o imperialismo impediria o avanço das forças produtivas nos países menos desenvolvidos. Essas idéias evoluíram, nas obras de Frank (1966) entre outros autores, para o conceito de desenvolvimento de subdesenvolvimento capitalista (MANTEGA, 1982: 229-230).

### **Desenvolvimento combinado e desigual**

Trotsky fala de duas leis relacionadas ao desenvolvimento capitalista lento e atrasado. ‘Desigualdade, a lei mais geral do processo histórico, revela-se mais acentuada e complexa no destino dos países atrasados. Sob a pressão da necessidade externa, sua cultura atrasada é impelida a fazer saltos. Dessa forma, a partir da lei universal da desigualdade deriva outra lei, que, pela falta de melhor nome, podemos chamar de lei do *desenvolvimento combinado* – a qual significa uma aproximação entre os diferentes estágios da jornada, uma combinação de etapas separadas, um amálgama entre formas arcaicas e outras mais contemporâneas’ (1959: 4). Ele observa que o desenvolvimento combinado era evidente no caso da Rússia: enquanto o cultivo camponês da terra permanecia arcaico, a indústria refletia tecnologia do mesmo nível ou até superior ao dos países avançados. A ascensão do Estado soviético foi o resultado do desenvolvimento combinado na forma de uma conjunção de elementos retrógrados e modernos: ‘uma guerra camponesa – isto é, um movimen-

to característico do despontar do desenvolvimento burguês – e uma insurreição proletária, o movimento sinalizando seu declínio. Esta é a essência de 1917’ (48).

A tradição trotskista posterior se origina desta citação que designava essas leis como desenvolvimento combinado e desigual. Murray Smith considera as leis de Trotsky como ‘talvez sua maior contribuição teórica’ (1981:46-47), e embora não completamente trabalhada nos escritos de Marx sobre a comuna camponesa russa, ele sente que Marx teria abraçado a lei do desenvolvimento combinado e desigual como essencial para a teoria do materialismo histórico. Michael Löwy, que viveu sua infância no Brasil e tem se dedicado à América Latina, referiu-se a essa concepção no seu conhecido livro, *As Políticas do Desenvolvimento Combinado e Desigual* (1981).

Outros escritores, menos simpáticos a Trotsky, escolheram o desenvolvimento desigual e combinado como instrumental analítico. Howard e King argumentam que essa idéia não foi introduzida apenas por Trotsky. Eles acreditam que ela se encontra n’*O Capital* de Marx, onde o materialismo histórico é implicitamente compreendido como envolvendo um processo de desenvolvimento desigual e combinado: ‘Épocas de transição são aquelas em que dois modos de produção estão combinados em uma única formação social. O seu desenvolvimento desigual, com o qual o modo progressivo avança e os outros entram em estagnação, traz por fim uma crise que pode ser resolvida somente

através da revolução social (HOWARD e KING 1989: 230). Eles identificam aspectos dessas idéias tanto em Plekhanov quanto em Lênin, cujas perspectivas diferiam das de Trotsky. Enquanto Lênin, por exemplo, em seu *Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia* (1899), procurou mostrar a extensão e a natureza subdesenvolvida do capitalismo Russo, Trotsky por outro lado, enfatizou sua forma concentrada e avançada em um contexto de agricultura pré-capitalista. Enquanto Lênin baseou a aliança do proletariado e do campesinato numa mútua condição de atraso, Trotsky compreendeu o oposto como verdadeiro. Howard e King sugerem que Tugan-Baranovsky parece ter influenciado Trotsky, argumentando ser inconcebível que o autor não tenha lido *A Fábrica Russa*, onde estas idéias aparecem (228) – embora não haja nenhuma citação em sua obra.<sup>5</sup>

O alcance dessas idéias de Trotsky vai, portanto, além da visão determinista de Marx e Engels no *Manifesto Comunista* (1848), de fases sucessivas a partir de formas primitivas percorrendo capitalismo, socialismo e eventualmente comunismo. ‘Para ele, a modernização russa foi um processo desequilibrado. Alguns setores não apenas saltaram à frente de outros, mas o fizeram absorvendo os atributos mais avançados... O núcleo de seu argumento é que a Rússia desenvolve tardiamente a modernização das estruturas econômicas, as quais são simultaneamente as mais modernas e as mais retardadas da Europa. E é desta forma desequilibrada que fornece a indicação para sua história e futuro’ (228).

O economista James O’Connor, que escreveu um importante livro sobre o impacto do capital monopolista sobre Cuba antes de sua revolução em 1959 (1970), também aplicou o desenvolvimento desigual e combinado para a crise ecológica contemporânea. Ele define o desenvolvimento desigual ‘como a distribuição espacial desigual, historicamente produzida, de indústrias, bancos, comércio, riqueza, consumo, relações de trabalho, configurações políticas e assim por diante’ (1989: 1). Ele se refere a alguns escritores que fazem distinção entre categorias de desenvolvimento e subdesenvolvimento ou países ricos e pobres, e chega a sugerir que, de um ponto de vista mais teórico, o desenvolvimento desigual é a relação de exploração entre dicotomias – cidade e campo, centro e periferia, nações desenvolvidas e subdesenvolvidas – que servem como base para a reprodução do capitalismo global. O’Connor define desenvolvimento combinado como combinações das formas econômicas, sociais e políticas encontradas em regiões desenvolvidas em contraste com aquelas encontradas em regiões subdesenvolvidas, o que permite ao capital maximizar os lucros, avançar tecnologias, organizar indústrias e garantir uma divisão do trabalho. Ele faz alusão a Marx como o primeiro a estabelecer a idéia de desenvolvimento desigual, mas não há referência a Marx ou Trotsky em sua discussão sobre desenvolvimento combinado.

Baseando-se em Marx e Trotsky, Adam Morton (2009) analisa o desenvolvimento desigual no México. Ele leva em conta a declaração

de Novack de que o desenvolvimento desigual e combinado ‘é indispensável para compreender o desenvolvimento da América Latina ao longo dos últimos quatro séculos’ (1976: 103).<sup>6</sup> Tanto Novak quanto Löwy (1975) refutaram a caracterização de Romagnolo de ‘desenvolvimento desigual e combinado’ como ‘fragmentário e subdesenvolvido’ (1975: 8). Embora preocupado com as relações pré-capitalistas e capitalistas no México, Morton também percebe a relevância do termo no mundo capitalista global: ‘As tendências desiguais do desenvolvimento capitalista têm desta maneira se desenrolado no quadro de um mercado mundial já existente e um sistema organizado de relações entre estados’, e identifica recente literatura para sustentar sua afirmação. Em particular, ele percebe que a atenção de Trotsky para os desníveis de desenvolvimento histórico foi adotada por Adolfo Gilly ‘para inserir a combinação do desenvolvimento específico em âmbito nacional do capitalismo no México dentro de seu desigual modo de inserção no mercado mundial’ (5-7).

### **A revolução permanente**

Trotsky, em sua *Revolução Permanente* (1932), argumentou que a revolução socialista começa a nível nacional, mas inevitavelmente se estende para outros países, especialmente no mundo industrial avançado: ‘Uma revolução nacional não é um todo auto suficiente; é apenas um elo da cadeia internacional’ (TROTSKY, 1964a: 65). Trotsky opôs esforços para estabele-

cer e sustentar a etapa reformista democrática, argumentando que o estágio democrático é simplesmente transitório e apenas a transformação socialista da sociedade leva a ‘um estágio permanente de desenvolvimento revolucionário’ (TROTSKY, 1964a: 63-64; 1964b), e também estabeleceu uma concepção de desenvolvimento e subdesenvolvimento na sua lei de desenvolvimento desigual e combinado. Na *História da Revolução Russa*, ele argumentou que países atrasados não necessariamente seguem o caminho dos países capitalistas avançados. Seu caminho não é predeterminado, ele acreditava, e eles poderiam saltar estágios na rota para o socialismo: ‘Seu desenvolvimento como um todo adquire um caráter anárquico, complexo, combinado’ (TROTSKY, 1959: 3). A desigualdade é evidente principalmente nos países ‘atrasados’. O desenvolvimento combinado implica diferentes estágios combinando-se para que um amálgama de formas arcaicas com outras mais contemporâneas possa seguir-se. Trotsky argumentou que o socialismo depende largamente do resultado da revolução mundial. A revolução proletária deve se espalhar para áreas atrasadas. Embora os países atrasados possam ser os primeiros a estabelecer uma revolução proletária, eles podem ser os últimos a alcançar o socialismo. Os países atrasados, entretanto, precisam desenvolver as forças produtivas na luta para chegar ao socialismo. Estas noções de desenvolvimento foram contrapostas à teoria de Stalin de revolução por etapas e seu pressuposto de uma revolução democrática em países

atrasados independente da revolução proletária (CHILCOTE, 1984: 20).<sup>7</sup>

Ernest Mandel tenta esclarecer a questão central acerca da teoria da revolução permanente pela distinção entre diversas posições. Os mencheviques alegavam que, por serem democráticas e burguesas as tarefas da revolução, apenas um governo burguês e um estado burguês poderiam realizá-las; esforços da classe proletária para tomar o poder resultariam em um contratempo revolucionário. Trotsky respondeu que a burguesia apoiaria a contra-revolução e, ainda, que se a burguesia mantivesse sua hegemonia dentro da revolução, a revolução entraria em colapso. Apenas o proletariado poderia conduzir o processo revolucionário, aliado ao campesinato pobre, pela destruição do estado burguês e a tomada do governo. Antes de 1917 Lênin manteve uma posição intermediária, rejeitando a proposição de que a burguesia poderia realizar as tarefas da revolução nacional democrática na Rússia, mas ele não discutiu que uma destruição imediata do estado burguês era fundamental no processo revolucionário. Mandel afirma que Lênin seguiu uma linha de ‘república democrático-burguesa; desenvolvimento do capitalismo na Rússia; mudança do partido dos trabalhadores para a oposição tão logo triunfasse a revolução democrática’ (1983: 451). Até 1916, Lênin admitiu a possibilidade de partidos políticos camponeses independentes da burguesia e do proletariado, uma tese rejeitada por Trotsky.<sup>8</sup>

## Transição socialista e revolução

Teorias do desenvolvimento geralmente enfatizam o desenvolvimento capitalista, enquanto as teorias do subdesenvolvimento e dependência dão ênfase à exploração capitalista dos países atrasados. Marx e Engels preconizaram o desenvolvimento das forças e meios de produção do feudalismo para o capitalismo e daí para o socialismo. Geralmente se assumia que uma burguesia nacional ou doméstica deveria evoluir para alcançar o desenvolvimento capitalista, como no caso da Inglaterra e dos Estados Unidos. Sem a fase democrático-burguesa, as forças de produção devem ser desenvolvidas em países atrasados a fim de alcançar o socialismo. Trotsky acreditava que a tarefa caberia ao proletariado em conjunto com os camponeses pobres. Ele examinou os caminhos para a revolução. Primeiramente, conspiração ‘enquanto comprometimento intencional de uma minoria para uma mudança espontânea da maioria’, e cujo resultado, em geral, é a substituição de um grupo fechado e da mesma classe dominante por outro grupo fechado. Em toda sociedade, ele argumentou, há ‘contrações suficientes para que uma conspiração possa enraizar-se em suas fendas’, e a experiência histórica é ilustrada na Espanha, Portugal e América do Sul. Depois, a insurreição em massa que resulta na vitória de um regime social sobre outro; todavia, insurreição popular e conspiração não são em todas as circunstâncias mutuamente exclusivas: ‘Um elemento de conspiração quase sempre faz parte, em algum grau, de qualquer insurreição. Sendo historicamente condicionado por um certo está-

gio no crescimento da revolução, a insurreição em massa nunca é puramente espontânea... Mas uma insurreição em massa pode ser prevista e planejada. Ela pode ser organizada com antecedência. Neste caso, a conspiração é subordinada à insurreição, está a seu serviço, suaviza seu caminho, acelera sua vitória. Quanto mais alto o nível político de um movimento revolucionário e mais séria a sua liderança, maior será o lugar ocupado pela conspiração em uma insurreição popular. É necessário compreender as relações entre insurreição e conspiração, tanto no que se opõem como no que se complementam.’ Historicamente, ele sugere, em certas condições uma insurreição popular pode ser vitoriosa mesmo sem uma conspiração: ‘Surgindo *espontaneamente* da indignação universal os protestos dispersos, as manifestações, as greves, as brigas de rua, uma insurreição pode atrair uma parte do exército, paralisar as forças inimigas e derrubar o velho poder. Em certa medida, foi o que aconteceu em fevereiro de 1917 na Rússia’ (1959: 304-305). Ele passa a diferenciar o papel da burguesia e do proletariado na revolução: ‘A burguesia pode ganhar poder em uma revolução não porque ela é revolucionária, mas porque é burguesa. Ela tem em sua posse a propriedade, a educação, a imprensa, uma rede de posições estratégicas, uma hierarquia de instituições. Bem diferente do proletariado. Privado por natureza dos benefícios sociais, um proletariado insurreto pode contar apenas com seu número, sua solidariedade, seus quadros, seus agentes oficiais’ (306)º.

Em seu congresso de fundação, em 1938, a Quarta Internacional estabeleceu um programa

revolucionário para a transição para o socialismo, que enfatizava o socialismo ao invés de um programa burguês-democrático (FRANK, 1979). Trotsky observou que o mundo capitalista enfrentou o fascismo ou o socialismo, o que deixou o proletariado sem alternativa além de voltar-se para o socialismo e para a revolução socialista. No programa revolucionário, Trotsky desenvolveu a idéia de desenvolvimento combinado e desigual nos países atrasados, argumentando que o proletariado elaboraria políticas que combinassem as lutas elementares da independência nacional e da democracia burguesa com a luta socialista contra o imperialismo mundial, a idéia de desenvolvimento combinado e desigual em países atrasados. Assim, a revolução democrática evoluiria através da regra do proletariado. Ele argumentou que o liberalismo burguês foi possível em países capitalistas avançados. Ele reconheceu, mas não teorizou sobre a proposição de que a sobrevivência do capitalismo nas metrópoles dominantes dependia não apenas do lucro doméstico, mas também da possibilidade de altas taxas de mais-valia através da exploração das colônias.

## A INFLUÊNCIA TROTSKISTA NA AMÉRICA LATINA

Trotsky desafiou idéias ortodoxas sobre o desenvolvimento na Rússia e na Europa, mas também se preocupou com a América Latina – sobretudo depois de sua chegada ao México em 1937. Em uma coletânea de ensaios intitulada *Pelos Estados Unidos Socialistas da América*

*Latina* (1961), Trotsky esboça sua estratégia para o socialismo na América Latina, dirigindo sua atenção para determinados países. Ele argumenta que na América Latina a melhor maneira de combater o fascismo é através da luta contra o imperialismo e da implementação de uma revolução agrária, e aponta para o México como um exemplo de país ‘semi-colonial’ capaz de ‘quebrar a dependência servil, dar terras aos camponeses, e elevar os índios ao ‘nível mais alto da civilização’ (1961: 13). A principal tarefa dos países atrasados, diz ele, é lutar contra o capital estrangeiro e reconhecer que a industrialização depende menos da burguesia do que do proletariado. O papel do Estado é trabalhar com a classe operária para resistir ao imperialismo (15). Segundo ele, nas áreas atrasadas, o proletariado deve ter a colaboração do proletariado dos centros metropolitanos e da classe trabalhadora de todo o mundo (31).

Os problemas da revolução agrária estão relacionados à luta anti-imperialista contra a Inglaterra e os Estados Unidos. Ele mergulha em uma breve análise do regime ‘semi-fascista’ de Getúlio Vargas no Brasil, sugerindo que o seu sentimento nacionalista pode servir à luta anti-imperialista. Ele observa o papel dos camponeses na Bolívia e defende a manutenção de suas parcelas pequenas e individuais, ao mesmo tempo em que também se organizam em fazendas coletivas cravadas fora do domínio dos grandes latifúndios (39).

Podemos nos perguntar até que ponto as idéias de Trotsky influenciaram o pensamento

latino americano que desafiou idéias ortodoxas sobre o desenvolvimento capitalista. Munck (1984: II) acredita que o marxista independente, o peruano José Carlos Mariátegui, era ‘próximo da concepção de Trotsky sobre revolução permanente’ no sentido de que sua análise enfatizou a autonomia em relação à concepção Stalinista de uma burguesia-nacional e partido democrático. Ele argumenta que existe um consenso generalizado na América Latina acerca da questão da natureza combinada e desigual do desenvolvimento latino-americano, devido principalmente à popularidade da teoria da dependência que ‘deve muito à análise trotskista’ (II4).

Escritores latino-americanos têm procurado autonomia e um meio de se desenvolver sem depender das nações capitalistas avançadas, especialmente dos Estados Unidos. Os impulsos para sua compreensão frequentemente apareceram em conjunto com algumas perspectivas de Trotsky, mas na realidade a maioria deles provavelmente não estava familiarizada com suas idéias. As referências a Trotsky não aparecem em seus escritos, e Marx é raramente citado. Um exemplo disso era Raúl Prebisch, o economista argentino que, em resposta à frustração com a incapacidade do capitalismo em modernizar a América Latina, propôs uma abordagem estruturalista, distinguindo os centros capitalistas avançados da periferia atrasada. Ele estava preocupado com a substituição de importações e a imposição de tarifas na América Latina para que uma infra-estrutura capitalista pudesse evoluir de forma autônoma e uma burguesia

nacional pudesse conduzir o desenvolvimento nacional. Sem dúvidas esta formulação era de interesse para André Gunder Frank, que durante o início dos anos 60 viajou para a América Latina, para o Brasil em particular, e logo depois trabalhou sua noção de desenvolvimento capitalista e subdesenvolvimento (1966). Sua dicotomia envolvia centros capitalistas chamados metrópoles e periferias atrasadas chamadas satélites. Sem dúvidas, as idéias de atraso e mais-valia no trabalho de Baran influenciaram sua formulação, e embora ele não tenha atribuído nenhuma influência de Trotsky a suas idéias, tem sido sugerido por Guido Mantega (1982: 157) que as proposições definidas por Trotsky (acima) foram explicadas com mais detalhes por Frank e pelo economista político brasileiro Ruy Mauro Marini. Marini (1973 e 1978) ofereceu uma variante do desenvolvimento combinado e desigual com a elaboração da teoria da superexploração dos trabalhadores periféricos, onde ele também apresentou sua tese sobre sub-imperialismo, segundo a qual o desenvolvimento das forças de produção brasileiras está vinculado à extração do excedente dos países vizinhos. Essas idéias eram semelhantes às concepções de Leon Trotsky, reproduzidas nas teses da Quarta Internacional.

Mantega também mostra a semelhança das idéias entre Theotônio dos Santos e outros que defendem a teoria da dependência de suposições trotskistas fundamentais. Dos Santos (1970) identificou formas históricas de dependência, enfatizando a nova dependência, como uma

explicação para o atraso latino-americano.<sup>10</sup> O antropólogo mexicano Rodolfo Stavenhagen (1968) desafiou prevalecentes noções de atraso, enquanto o sociólogo Pablo González Casanova (1970) adotou o conceito de colonialismo interno para explicar a dicotomia entre metrópoles e satélites. Esses pensadores não citam explicitamente Marx, Lênin ou Trotsky em seus escritos, mas em uma busca comum de uma explicação para o atraso de seus países eles mostram que o desenvolvimento de nações atrasadas não é predeterminado, que fases podem ser ignoradas na rota para o socialismo; que o desenvolvimento pode ser desigual, mesmo sem um planejamento; que pode ser complexo e de caráter combinado, e que, pelo menos implicitamente, uma revolução socialista é atingível.

Movimentos trotskistas na América Latina têm sido evidentes desde 1929, quando Trotsky foi para o exílio e a oposição aos partidos comunistas emergentes apareceu. Em 1931, uma cisão no Partido Comunista Chileno resultou na formação da *Izquierda Comunista*, que se organizou como um partido de trabalhadores e avançou na causa dos camponeses e índios, mas se dissolveu poucos anos depois quando seus líderes trotskistas se uniram ao Partido Socialista Chileno. As principais linhas do trotskismo inicial giravam em torno de Juan Posadas, Jorge Abelardo Ramos, e Nahuel Moreno na Argentina, Mário Pedrosa no Brasil, Luis Vitale no Chile, Sandino Junco em Cuba e Guillermo Lora na Bolívia. Uma questão central do trotskismo relacionada com a libertação nacional, uma li-

nha sustentada por Ramos, cujo movimento constituiu uma ala esquerda do peronismo, é considerada como uma frente anti-imperialista. Uma tendência proletária, no entanto, opôs-se a qualquer aliança com movimentos nacionalistas, a menos que a hegemonia do proletariado estivesse assegurada.

Essas e outras posições políticas dividiram trotskistas não somente na Argentina, mas em outros lugares nos anos 50. Em 1953, o *Partido Obrero Revolucionario* (POR) da Bolívia, por exemplo, dividiu-se em duas facções: uma (libertária nacional) liderada por Hugo González Moscoso, tornou-se a linha oficial e apoiou Michel Raptis (1974) ou Pablo; e a outra (proletária), liderada por Lora, enfatizou a necessidade de organizar um partido proletário antes de fomentar uma insurreição e tomar o poder. Em 1963, trotskistas se uniram ao MR-13 na Guatemala para proclamar o caráter socialista da revolução e construir um partido dos trabalhadores do movimento guerrilheiro. No Peru, duas tendências trotskistas apareceram em 1960: uma liderada por Ismael Frias, que buscava associação com a reformista APRA, e uma outra envolvendo Hugo Blanco (1972) e a organização dos sindicatos camponeses militantes na área *La Convención* dos Andes. Embora ambos os movimentos tenham sido por fim reprimidos, trotskistas peruanos demonstraram que milícias camponesas poderiam estar intimamente ligadas às necessidades das massas, em contraste com a estratégia de confronto de guerrilha modelada segundo a experiência da Revolução

Cubana (ver Munck, 1984: 79-117, para uma discussão mais ampla dessas correntes e também Chilcote, 1993: 173-174 que abrange o tema acima abordado).

Influenciada pela resolução da Tricontinental ou *Organización Latinoamericana de Solidaridad* (OLAS) e da corrente revolucionária Castrista, em 1969, a Quarta Internacional acriticamente aprovou uma linha de guerra civil prolongada através da guerrilha. Isto levou a uma aliança entre o *Partido Revolucionario de Trabajadores* (PRT) e o ERP na Argentina, apesar desse movimento ter saído da Quarta Nacional em 1973. Um partido rival, o *Partido Socialista de Trabajadores* (PST), liderado por Moreno (1974), participou das eleições em 1973, obtendo 150.000 votos. Apesar destas perspectivas contrastantes (luta armada contra participação eleitoral) terem dividido o movimento trotskista, ambas as organizações entraram em colapso diante da repressão brutal gerada pelo golpe de 1976. No Chile, Vitale pediu aos trotskistas para trabalharem com o Partido Socialista, no âmbito da UP, em vez de formar um partido revolucionário independente. Alguns trotskistas unidos ao MIR, no entanto, formaram a *Liga Comunista de Chile* (LCC), que esteve ativa na resistência após o golpe de setembro de 1973. Em 1975, uma coalizão de grupos trotskistas, incluindo o *Partido Obrero Revolucionario* ou Partido Revolucionário dos Trabalhadores (POR) de Lora, reafirmou sua posição ortodoxa sobre a natureza da luta anti-imperialista e atacou o objetivo principal

das correntes trotskistas na América Latina que defendiam ‘alternativas aventureiras’. No México, o PRT evoluiu a partir de lutas estudantis em 1968 e destacou-se como um grupo revolucionário de alguns milhares de membros para a esquerda do partido comunista. Munck caracterizou o PRT como ‘seguidor de uma orientação marxista, de fortes princípios e ainda inflexível, ortodoxo, mas criativo... sem cair no falso ativismo do ultra-esquerdismo’ (1984: 110).

É evidente que um dos mais importantes avanços do trotskismo na América Latina foi a sua ruptura com o stalinismo e com a ênfase ortodoxa na teoria dos estágios, como representado no programa revolucionário chamado As Teses de Pulacayo, que combinava um programa revolucionário marxista com ênfase em um proletariado boliviano em desenvolvimento e que foi aprovado pelo POR em 1964. Munck (1984: 86-87) chamou de ‘um dos mais notáveis documentos na história dos movimentos de classe trabalhadora na América Latina’, e cita de Lora (1977: 246-247) uma passagem de seu documento de fundação: ‘A Bolívia é um país de capitalismo atrasado... a Bolívia é apenas um elo na cadeia do mundo capitalista’ e o proletariado ‘constitui a classe revolucionária’. Hoje na Bolívia com a ascensão de um presidente de esquerda, Evo Morales, o POR permanece ativo com declarações de posição freqüente, críticas e análises de César Uscamayta e sua *Prensa Obrera* em La Paz (Em: <http://amr-bolivia.blogspot.com>).

## Os Argentinos

As principais linhas de reflexões dos Trotskistas têm prevalecido na Argentina, manifestadas através de intelectuais, acadêmicos e estudantes, normalmente em pequenos partidos e movimentos sindicais, e muitas vezes obscuras pelas políticas nacionais, mas conspícuas em tempos de crise, para idéias e análises (CAGGIOLA, 1983; PEÑALOSA, 1983; e VALLE, 1981). A discussão gira em torno de várias personalidades importantes. Silvio Frondizi, um marxista argentino contrário à política intransigente dos comunistas argentinos, inspirou-se nos escritos de Trotsky e concentrou-se em questões sobre subdesenvolvimento e dependência. Seu pensamento inicial apareceu em um ensaio sobre integração mundial e capitalismo (FRONDIZI, 1947), no qual enfatizou as contradições do imperialismo comercial britânico e do imperialismo industrial americano. Ele também examinou os vínculos entre imperialismo e burguesia nacional em países coloniais e semi-coloniais, o que levou à sua crítica da burguesia nacional e à tese sobre a sociedade dual defendida pelos partidos comunistas na América Latina. Donald Hodges (1974: 98-99) sugeriu que Frondizi foi o primeiro a defender a idéia de uma nova dependência, que mais tarde apareceu nos escritos do cientista social brasileiro Theotônio dos Santos. Frondizi era líder de uma pequena corrente intelectual, Praxis, junto com os trotskistas Milcíades Peña e Nahuel Moreno (Hugo Bressano). Peña e Moreno também têm enfatizado a importância

do imperialismo comercial britânico e do imperialismo industrial americano na Argentina. Na *Praxis* eles contestaram a linha stalinista do Partido Comunista Argentino, e suas idéias têm muito em comum com o trotskismo, embora um dos colaboradores mais próximos de Frondizi, Marcos Kaplan, insista que Frondizi nunca foi formalmente associado à Quarta Internacional (Entrevista com Chilcote, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1982).

O ensaio de Frondizi sobre a integração mundial foi uma reação ao líder comunista argentino Rodolfo Ghioldi, que havia respondido a uma versão anterior no jornal comunista *La Hora* (16 de março de 1947). Frondizi argumentou que o capitalismo primitivo, baseado na competição livre, apenas poderia sobreviver em países atrasados com expansão ilimitada da produção. Essa forma de capitalismo era limitada não apenas pelo baixo nível das forças produtivas e tecnologia, mas também pela sua própria forma capitalista. Ele também descreveu um período mais avançado do capitalismo, representado pela formação de sistemas imperialistas nacionais e pela substituição de monopólios por produtores individuais. Finalmente, um terceiro período era evidente depois da Segunda Guerra Mundial no qual o capitalismo mundial tornou-se dominante e os Estados Unidos assumiram a liderança do mundo capitalista e o domínio sobre nações subjugadas.

Na elaboração do seu pensamento, em *La realidad argentina*, Frondizi demonstrou a inadequação da burguesia argentina na tarefa de

realizar a revolução democrático-burguesa por conta da sua dependência direta do capitalismo monopolista internacional (FRONDIZI, 1957, l: 333). Ele acreditava que as nações semi-coloniais e coloniais da periferia não se beneficiaram da revolução democrático-burguesa devido à sua dependência econômica e política. Esses países sofreram ‘um tremendo impacto deformador, econômica e politicamente’ (FRONDIZI, 1957, l: 27).

Frondizi elaborou uma teoria sobre a relação entre nações dependentes, periféricas e subdesenvolvidas e nações dominantes, centrais e avançadas, mostrando como o monopólio capitalista e o imperialismo causam a desintegração do capital nacional. Ele acreditava que a intervenção do Estado, políticas reformistas e subsidiárias eram inúteis, de modo que a única solução estava no caminho para o socialismo. Ele estabeleceu os requerimentos para uma transição para o socialismo, incluindo a identificação das condições para a revolução e a tomada do poder pelo proletariado (FRONDIZI, 1957: vol. 2).

Luis Vitale, nascido na Argentina em 1927, esteve envolvido em diversos movimentos afiliados à Quarta Internacional e mais tarde tornou-se cidadão naturalizado do Chile, onde escreveu um impressionante seis-volumes da história do país (1967). Foi particularmente influente em um ensaio (1968) que analisou várias premissas acerca do atraso na América Latina. Vitale dissertou contra a premissa dominante de que o feudalismo foi transplantado da Espanha medieval para o Novo Mundo

e que uma aristocracia feudal havia governado a América Latina e continuou a governar até o século XX, frustrando o capitalismo e uma burguesia nacional em ascensão. Ele acreditava que um capitalismo primitivo já existia desde o século XV, que a conquista das Américas estava associada com a exploração e comercialização de metais preciosos e que a América Espanhola era governada não por senhores feudais, mas por uma burguesia comercial, cuja fonte de riqueza eram as exportações. Desde a independência essa burguesia dominante havia permanecido dependente do mercado mundial que, por sua vez, contribuiu para o atraso do continente. Uma luta contra a burguesia levaria a uma ruptura com o imperialismo: ‘A reforma agrária e a expulsão do imperialismo são, e sempre serão, mais contra a burguesia do que a seu favor...’ (1968: 42).

O renomado revolucionário argentino Ernesto ‘Che’ Guevara escreveu sobre o homem socialista um manual de guerrilha, mas incorporado na prática a luta contra o imperialismo e a possibilidade da insurreição como um meio de construir o socialismo em vários lugares. Seu sucesso ao lado de Fidel Castro levou a revolução ao poder em Cuba em 1959, embora em 1967 ele tenha morrido lutando para trazer a revolução para a Bolívia. Michael Löwy (que passou seus primeiros anos no Brasil) mostra paralelos nos pensamentos de Trotsky e Guevara. Crítico da burguesia nacional, Che acreditava numa revolução socialista que Löwy descreve como ‘em consonância com... a teoria

de Trotsky sobre revolução permanente’ (1984: 83). Em consonância com a idéia de que a revolução socialista pode começar em âmbito nacional, mas por fim se difundir para outros países, a estratégia global de Che na guerra contra o imperialismo envolveu a criação de ‘dois, três, muitos Vietnãs, a fim de obrigar o imperialismo a dispersar suas forças’ (110). Um dos biógrafos de Che, Jon Lee Anderson, lembra-nos de que nas profundezas da floresta tropical boliviana, em um confronto com os perseguidores, Che perdeu um volume de Trotsky que ele estava lendo (1997: 721). Embora Che nunca se referisse a si mesmo como um trotskista, outro biógrafo seu, Carlos Castañeda, menciona seu contato com trotskistas na Argentina em janeiro de 1964 (1997: 248) e se refere a uma entrevista com o assessor de Che, Benigno, que recorda que em 1965 Che foi acusado de ser um trotskista: ‘Aquele que eles chamam de Trotsky, e eles diziam para Che que ele era um trotskista... foi Raúl quem disse que era um trotskista, que suas idéias deixavam claro que ele era um trotskista’ (296)<sup>11</sup>.

Com a queda do muro de Berlin, da União Soviética e do Leste Europeu, a cubana marxista Célia Hart Santamaría descobriu Trotsky. Até sua trágica morte no final de 2008, Célia abriu um diálogo sobre o papel de Trotsky na revolução da América Latina, e relacionou Trotsky ao Che: ‘Não penso que haja uma aplicação prática mais convincente da revolução permanente que a efetuada por este grande revolucionário e herói da juventude do século XX... Ficou cla-

ro para Che que uma verdadeira revolução e o verdadeiro socialismo não foram exclusivos nas fronteiras do meu país ou do meu continente. A bandeira desta lenda acusada de romantismo e pureza foi interpretada por todos os ângulos. Promoveu o latino-americanismo e o anti-imperialismo' (2004). Hart considerou a Revolução Bolivariana de Hugo Chávez na Venezuela como uma base para a unidade latino-americana, desde que não se comprometesse com o imperialismo. Ela nos lembra que Trotsky também sonhava com esta unidade enquanto estava no México e que, embora o stalinismo o tenha silenciado, suas idéias estariam em revoluções que se levantariam mais cedo ou mais tarde: 'Vamos tirá-lo desse silêncio e fazê-lo ser visto, sem ser considerado um terrorista. Fato estranho os imperialistas e os stalinistas estarem de acordo em chamá-lo de terrorista. Um ponto a nosso favor'. Em sua leitura, ela encontrou na obra de Trotsky similitudes com os escritos de Che Guevara, e sentiu que suas idéias foram distorcidas e que era essencial discernir conceitos que ela tinha percebido de Che Guevara sobre a revolução permanente, o desenvolvimento combinado e desigual dos países capitalistas atrasados, o internacionalismo, ou seus ataques à burocracia soviética. Deve-se reconhecer 'seu senso de internacionalismo como uma necessidade premente de continuar a luta revolucionária, um internacionalismo militante comprometido em todos os aspectos'. Hart (2007) também criticou a esquerda trotskista, principalmente na Argentina,<sup>12</sup> por ver Che apenas como um már-

tir ou herói sem reconhecer suas contribuições para a teoria revolucionária. Ela sustentou que tanto Che como Trotsky defenderam os direitos dos explorados à violência contra seus exploradores: 'Eu venho da revolução cubana e ressalto Trotsky sem ser membro de nenhum partido trotskista. Estou apenas apontando que meus camaradas trotskistas deveriam ver no Che Guevara um camarada-de-armas, ler seus trabalhos e perceber que não há duas maneiras de pensar mais semelhante que as deles. Mesmo suas contradições revelam que eles seguem um mesmo caminho e oferecem soluções semelhantes para os mesmos problemas, cada qual a seu modo. E o mesmo vale para os seguidores de Che Guevara: conhecer Leon Trotsky um pouco além de seus partidos ao invés de rejeitá-lo *per se*... Nós deveríamos inventar um termo para nos referir a todos os marxistas que se afastaram da linha oficial de Moscou e continuaram nadando contra a maré apesar de sua ortodoxia comunista. De fato, os promotores da linha oficial acusaram Che, Mella e muitos outros de serem trotskistas? Será que eles estavam certos?'

### Os Brasileiros

Trotsky não mantém uma presença forte entre os intelectuais e trabalhadores brasileiros, mas seus seguidores estavam ativos desde a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922. Cândido Filho (1982) identifica os intelectuais brasileiros como grandes figuras do movimento trotskista. A maioria deles

rompeu com o PCB em 1928 (1982: 163-165): Aristides Lobo, Lívio Xavier, Patrícia Galvão, Geraldo Ferraz, Plínio Melo, Mário Pedrosa, Edmundo Moniz (1980), Febus Gikovate; e líderes sindicais como João da Costa Pimenta, Joaquim Barbosa e Hilcar Leite. Em 1937-1938, outra divergência de opiniões envolveu Hermínio Sacchetta, que havia liderado o PCB em São Paulo, mas deixou o partido para organizar o Partido Socialista Revolucionário que Mário Pedrosa considerou como um grupo dissidente do movimento trotskista brasileiro.<sup>13</sup> Sachetta aceitou a posição de que apoio incondicional deveria ser dado para a defesa da União Soviética, enquanto Pedrosa e Moniz diferiam em suas crenças de que a burocracia estatal ali tornar-se-ia uma classe de governo que interferiria na realização de um Estado socialista ou de trabalhadores (DULLES, 1983: 167-168).

Detalhes das atividades dos trotskistas no Brasil são elaborados em Gorender (1987), que identifica uma corrente ortodoxa, o Partido Socialista Revolucionário (Trotskista) ou PSR(T), que agregava estudantes e intelectuais associados com a Quarta Internacional e era orientado por Juan Posadas, que estabeleceu uma perspectiva do terceiro mundo da revolução mundial, inspirada pela Revolução Cubana. Em 1962, a linha Posadas foi manifestada através de seu órgão teórico *Frente Operária*. Ao mesmo tempo, uma corrente independente também apareceu, inspirada por Rosa Luxemburgo, Bukharin e outros e liderada por intelectuais do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais que, em reação

às teses reformistas do Partido Comunista do Brasil, fundaram a Organização Revolucionária Marxista (ORM) e um periódico (inicialmente um jornal e depois uma revista) chamado *Política Operária*. O nome completo deste grupo era Organização Revolucionária Marxista Política Operária, mas era conhecido comumente pelo nome Política Operária (POLOP), e incluía jovens intelectuais como Vânia Bambira, Moniz Bandeira (1978), Juarez Guimarães de Brito, Michael Löwy, Ruy Mauro Marini, Eder Sader, Emir Sader e Theotônio dos Santos. Eric Sachs, um dissidente comunista de origem alemã e radicado no Brasil com o pseudônimo de Ernesto Martins, foi influente. O ORM-POLOP realizou três conferências (1961, 1963, e 1964) e concentrou-se em uma crítica ao reformismo e ao nacionalismo – embora, segundo Gorender (1987: 36), tenha sido incapaz de elaborar uma alternativa viável e tendido ao isolamento.

Ao narrar esses momentos passados, Emir Sader atentou para além da influência trotskista no movimento POLOP. Moniz Bandeira foi a principal figura trotskista na época. Sader foi ativo como leninista e trotskista e explica a incorporação de Trotsky, Gramsci e outros, por seus pensamentos tenderem a reforçar críticas à União Soviética e aos partidos comunistas ortodoxos. Os Posadistas não fizeram parte desse movimento, mas havia uma corrente no Brasil. Ruy Mauro trabalhou para organizar um braço da propaganda (*foco militarista*) para mobilizar os militares, principalmente no Rio. Ele foi preso em 1964, e um ano depois deixou o país.

Theotônio já havia partido (Entrevista com Emir Sader, Rio de Janeiro, 29 de julho de 1991).

Mesmo confirmando que a influência trotskista era evidente no POLOP, Marini sustentou que não era uma influência dominante. Ele próprio foi mais leninista na época, e havia uma grande influência de Erich Sachs. As críticas de Trotsky eram usadas para atacar o PCB. A revolução permanente não era tão importante, mas a idéia do desenvolvimento combinado e desigual era – e isso veio de Trotsky, embora Lênin também tenha usado essa idéia em seus trabalhos depois de Luxemburgo (Moniz, 1980), e posteriormente Trotsky tenha empregado o conceito. Marini traduziu alguns dos textos de Trotsky e Lênin sobre o imperialismo. Ele acredita que o POLOP era importante na formação da idéia de dependência. O interesse teórico na época concentrava-se mais nas idéias de Baran e Paul Sweezy, por conta de suas análises contemporâneas sobre o sistema capitalista, do que nas de Trotsky. Quando Frank chegou, em 1963, ele estava muito influenciado por Baran, e foi então profundamente influenciado pelos intelectuais do Rio e com eles aprendeu. Muito de seu pensamento foi tirado das idéias do POLOP, de Lênin e de outros autores. Seus primeiros escritos surgiram na *Revista Brasileira*, editada pelo renomado historiador Caio Prado Júnior, um comunista cujas influentes idéias (1966) colidiram com a linha do seu partido – assim como Nelson Werneck Sodré, outro comunista, que foi a maior figura dentro do Instituto Superior de Estudos Brasileiros

(ISEB), um reservatório de idéias do Rio, notável por sua missão de formular uma ideologia de nacionalismo desenvolvimentista no Brasil. Marini achou ser necessário reformular a análise do que é o capitalismo no Brasil, delinear uma estratégia e um programa; ele acreditava que isto era o que o POLOP deu à esquerda e à possibilidade do socialismo no Brasil. Marini menciona que a revista argentina *Praxis* foi importante antes da formação do POLOP e que um de seus integrantes, Marcos Kaplan, havia participado do primeiro congresso do POLOP em janeiro de 1961: ‘Este foi o início do nosso alcance internacional. O trabalho de Sívio Frondizi foi importante também para nós e para a teoria da dependência, juntamente com as idéias da ECLA e ISEB’ (Entrevista, Ruy Mauro Marini, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1991). Marini elaborou suas idéias sobre subimperialismo antes de buscar exílio no México em 1965. Theotônio começou a escrever em 1966 sobre a nova dependência: ‘Nós adotamos essas idéias do exterior na procura por uma nova teoria da dependência. A teoria da dependência nunca foi uma teoria acadêmica. Foi um esforço político. Uma tentativa de desenvolver uma teoria revolucionária não-comunista’. Ele permaneceu no México até 1969 e depois transferido para o Chile para trabalhar com Dos Santos, até Salvador Allende ser deposto no final de 1973.

O decano da sociologia brasileira, Florestan Fernandes, fez referência a sua filiação antecipada ao trotskismo, em uma entrevista com vários intelectuais brasileiros (1981a: 18-23),

bem como em sua entrevista comigo (São Paulo, 26 de setembro de 1983), e há uma referência a Trotsky em seu *A revolução burguesa no Brasil* (1981b). Em uma discussão sobre seus anos iniciais, ele explica o interesse no PCB e seu renomado líder Luiz Carlos Prestes. O PCB não atraiu a juventude radical desse período. Após o Estado Novo, o PCB mudou para grupos de apoio a Getúlio Vargas: ‘Me juntei a um grupo trotskista de extrema esquerda nesta época, chamado Coligação Democrática Radical, e permaneci com eles até 1940. Eu sempre mantive contato com outros grupos, por exemplo, os anarquistas, os socialistas e os antigos militantes que não foram da minha geração. Eu circulava com pessoas de esquerda, com exceção do PC... mas eu era conhecido pela minha orientação trotskista’ (1981a: 18). Ele explicou que poucos de seus colegas ativistas estudantes nada conheciam algo sobre marxismo durante sua atividade intelectual nos anos 50. Depois de abandonar o trotskismo, ele ficou marginalizado das atividades políticas. Quis participar do PCB, mas sentia que suas posições eram frequentemente negativas, e permaneceu fora do partido: ‘Com frequência discutia esse dilema com Antonio Candido, inicialmente quando me juntei ao grupo trotskista. Sua preferência era pelo socialismo revolucionário. Depois que abandonei o trotskismo, nos falamos novamente, e ele me encorajou a continuar com o meu trabalho intelectual e me dedicar à carreira acadêmica.’ (19). Em resposta a uma pergunta que resumia sua posição de que os partidos políticos

não oferecem soluções, ele foi perguntado por que o intelectual era incapaz de preencher esse espaço, e respondeu que o intelectual não poderia fazê-lo, nem poderia formar seu próprio movimento em uma sociedade de classes na qual o trabalhador não poderia amadurecer politicamente e desenvolver-se como uma classe independente (23).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, parece haver uma relação entre a teoria da revolução permanente e o modelo de desenvolvimento capitalista de subdesenvolvimento, o que reflete uma versão importante da teoria da dependência, particularmente evidente no pensamento de Frank e Marini. Trotsky partiu da idéia de um sistema capitalista mundial constituindo uma totalidade subordinada ao desenvolvimento desigual e combinado, onde os países avançados continuariam a se desenvolver às custas da exploração da colônia e áreas atrasadas semi-coloniais. Essa idéia é semelhante à concepção de metrópole-satélite da tese de Frank sobre o desenvolvimento capitalista de subdesenvolvimento (1967), onde a metrópole explora a mais-valia dos satélites, que por sua vez tornam-se subdesenvolvidos.

Em segundo lugar, inerente à teoria da revolução permanente, está a crença de que a burguesia colonial e semi-colonial é incapaz de conduzir o processo revolucionário no sentido da burguesia cumprir sua principal tarefa histórica, a de realizar uma revolução democrático-

burguesa. Dada esta circunstância, Mantega sustenta que Trotsky, Frank e Marini, todos ressaltam o papel do proletariado em provocar a transformação necessária através de uma revolução socialista, dessa forma libertando do capitalismo as forças produtivas. Ainda assim, Marco Aurélio Garcia insiste que Marini procurou distinguir-se do trotskismo fazendo uma crítica desfavorável à teoria da revolução permanente, como sendo ela economicista, embora ele observe que Marini usou a idéia de uma cooperação antagônica paralelamente à teoria do desenvolvimento combinado e desigual para caracterizar as relações entre a burguesia brasileira e o capitalismo. Garcia também afirmou que a influência trotskista sobre a teoria da dependência foi maior que a de Lênin, porque ‘Lênin tratou da dependência em termos muito gerais, enquanto Trotsky tentou estudar a dependência de forma mais concreta, descrevendo seus mecanismos internos’ (Entrevista com Chilcote, Campinas, Brasil, 12 de setembro de 1984).<sup>14</sup>

Em terceiro lugar, já próximo ao fim de sua vida e pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, Trotsky observou uma profunda crise em que os regimes democráticos do centro tiveram que continuar a explorar a periferia, onde o excedente permitiria a atenuação da luta de classes. A esquerda precisou lutar contra o fascismo assim como contra o imperialismo (TROTSKY, 1961: 13), porque a burguesia, em alguns países adiantados, tais como Alemanha e Itália (que haviam perdido suas colônias),

precisou se voltar da democracia para o fascismo, a fim de continuar com a exploração da periferia. Da mesma forma, em países periféricos como Argentina e Brasil, a burguesia voltou-se para o fascismo, uma tese desenvolvida por Dos Santos (1973). Assim, o fascismo permitiu o desenvolvimento das condições de superexploração, como elaborado por Trotsky, Dos Santos e Marini, que notaram similarmemente que as forças produtivas humanas haviam parado de crescer e que uma alternativa se fazia necessária.

Em quarto lugar, a noção de Trotsky sobre revolução permanente mundial estava ligada ao papel estratégico dos países na periferia subdesenvolvida que romperam seus laços com as metrópoles e precipitaram um colapso do imperialismo. Marini salientou a revolução socialista nos países periféricos, sustentando que isso levaria a uma revolução mundial e traria a revolução socialista aos países atrasados (MANTEGA, 1982: 227). Mantega também notou que a teoria de Trotsky de revolução permanente projetou uma transição imediata para o socialismo sem as transformações burguesas sugeridas por Lênin, uma proposição que dividiu a esquerda brasileira (1982: 136).

Dos Santos aceitou a teoria marxista sobre a expansão dos centros imperialistas e sua dominação sobre a economia mundial, mas também procurou uma teoria que enfocasse as leis do desenvolvimento interno em países afetados por esta expansão: ‘A relação de interdependência entre duas ou mais economias, e entre

estas e o comércio mundial, assume a forma de dependência quando alguns países (os dominantes) podem expandir-se e ser auto-sustentáveis, enquanto outros países (os dependentes) podem fazer isso apenas como um reflexo dessa expansão, o que pode ter um efeito positivo ou negativo sobre o seu desenvolvimento imediato' (DOS SANTOS, 1970: 231). Ao invés de enfatizar o capitalismo na imagem dos países avançados como forma de superação do atraso, ele ressaltou a natureza desigual do desenvolvimento, evidente nos escritos trotskistas, embora tenha negado em uma conversa pessoal qualquer influência trotskista em seu pensamento. (Entrevista com Chilcote, Rio de Janeiro, 7 de julho de 1995). Marco Aurélio Garcia concorda que Dos Santos, havendo procedido do movimento jovem do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), não foi influenciado pelo trotskismo e eventualmente se tornou anti-trotskyista (Entrevista com Chilcote, Campinas, 12 de setembro de 1984). Garcia oferece uma visão histórica do trotskismo no Brasil, destacando a sua força nos anos 1930 e 1980. Neste segundo período, muitas correntes prevaleceram, incluindo a do Alicerce da Juventude Socialista, ligado internacionalmente com o Nahuel Moreno; a do *Causa Operária* e seu jornal de mesmo nome; e a do Democracia Socialista, relacionado com a publicação *Em Tempo*.

Todas essas idéias sobre subdesenvolvimento eram parte de um ataque de intelectuais independentes de esquerda contra as posições intransigentes do PCB, particularmente sobre

as questões do semi-feudalismo como base para o atraso e a promessa da burguesia nacional cumprindo seu papel histórico na transformação capitalista. Mantega afirma que essas idéias foram amplamente inspiradas pelos pensamentos de Trotsky de que o proletariado, sob certas condições, pode subir ao poder antes do proletariado de países avançados – essa tese foi defendida por Trotsky em 1906, sustentando que o atraso Russo não havia sido um obstáculo para a revolução socialista. Ele acreditava que, sob certas circunstâncias, o baixo nível de desenvolvimento capitalista na Rússia poderia levar a uma rápida ascensão ao poder do proletariado. Trotsky (assim como Lênin) argumentou que apesar do seu atraso a Rússia tinha de fato desenvolvido algumas linhas de industrialização capitalista nas últimas décadas do século XIX, principalmente em Moscou e São Petersburgo, onde um grande proletariado havia se desenvolvido junto a uma burguesia fraca, e a industrialização foi largamente implantada pelo capital estrangeiro apoiado pelo estado. Consequentemente, a burguesia não poderia eliminar os remanescentes feudais porque era débil na época. Isto deu ao proletariado a oportunidade de provocar uma mudança revolucionária. No *Revolução Permanente*, Trotsky elaborou esta idéia argumentando que a atrasada revolução burguesa na Rússia poderia ser avançada através do proletariado; especificamente, seus objetivos seriam a realização da reforma agrária e a reconstrução democrática do Estado. A reforma agrária implicava a nacionalização da proprie-

dade e eliminação das diferenças de renda. Esses diferentes padrões de progresso ilustram a idéia de desenvolvimento capitalista combinado e desigual em escala mundial, onde as colônias e ex-colônias alimentam a acumulação das metrópoles imperialistas às suas próprias custas e dessa forma o capitalismo periférico permanece débil, impedindo a burguesia de cumprir a empreitada de uma revolução democrática. Mantega afirma que Trotsky ‘interpreta o capitalismo em sua fase imperialista como um sistema internacional articulado por laços de dominação e dependência’ (1982: 143), e mostra a impossibilidade de uma nação revolucionária democrática nos países atrasados.

*Artigo traduzido por: CLARICE  
SILVESTRE DOMINGOS.*

## NOTAS

- 1 Nascido na Ucrânia, em uma família de agricultores judeus, Trotsky evoluiu de um círculo de norodniks para ser um marxista bolchevique e líder no Conselho dos Representantes dos Trabalhadores em São Peterburgo (o primeiro na história da União Soviética) na revolução de 1905-1907 e líder da revolução de 1917. Junto a Lênin, foi co-fundador da Terceira Internacional. Trotsky organizou a oposição a Stalin em 1926 e foi deportado para a França em 1929, quando convocou a Quarta Internacional. Entre os mais agradáveis relatos de sua vida estão os estudos de Avenas (1975), Deutscher (1954-1963) e Mandel (1979); representações críticas hostis por Mavrakis (1976) e Volkogonov (1996); enquanto Baruch (1979) e Howe (1976) oferecem panoramas profícuos, críticos, mas eruditos. Wilson (1972) fornece um retrato introdutório solidário, dentro da tradição radical européia. Veja também Tariq Ali e Phil Evans (1982).
- 2 Apreciações do trotskismo na América Latina incluem textos simpáticos de autoria de Campos (1981), Hodges (1974), Mandel (1979) e Munck (1984), além de uma abrangente história, de autoria de Alexander (1973), que omite análises detalhadas das idéias políticas e das divisões ideológicas internas do movimento trotskista, elaboradas por Hodges e Munck.
- 3 Não é minha intenção exagerar a importância do trotskismo. Alan Wald sugere que o trotskismo norte americano, criado em 1928, exauriu-se, mas que uma revisão pode ser uma possibilidade, com o desvanecimento do stalinismo. Ele menciona autores como Paul Buhl, Mike Davis, e Staughton Lynd, que podem, em alguma época, ter sido influenciados pelo trotskismo (1994-1995: Pt 2, 34), e critica Alex Callinicos (1990) pela análise vista através do prisma de uma linha de pensamento específica como a do Partido dos Trabalhadores Socialistas Britânicos. Callinicos sustenta que o trotskismo ‘geralmente tem sido intelectualmente resistente a temas do marxismo ocidental’ que Perry Anderson e outros têm enfatizado em suas histórias intelectuais sobre marxismo (3). Callinicos (1986-87) fornece um quadro útil da organização do trotskismo, especialmente das linhagens americanas e britânicas.
- 4 Geras acredita que Rosa Luxemburgo foi uma das principais arquitetas da teoria da revolução permanente (4). Além disso, era próxima do pensamento de Trotsky e, apesar de algumas diferenças, “adotou uma perspectiva essencialmente idêntica àquela da teoria da revolução permanente de Trotski” (1975: 4-5).
- 5 Howard e King (1989:223) citam Marx, “[O] país mais industrialmente desenvolvido apenas mostra, ao menos desenvolvido, a imagem de seu próprio futuro”, uma proposição a que aderiram tanto Plekhanov quando Lênin, mas não Trotsky em sua teoria do processo revolucionário russo, divulgada inicialmente em 1904-1906, e que eles alegam aproximar-se de seus pontos de vista posteriores.
- 6 Morton (comunicação pessoal com Chilcote, 5 de fevereiro de 2009) nota que George Novack (1972: 98) olha a desigualdade do desenvolvimento como aspectos precedentes de sua combinação e que essa ênfase é mantida em J. Rosenberg (2005: 68-69, nota 28).
- 7 Michael Löwy acredita que a Revolução Cubana influenciou intelectuais, uma vez que exemplifica o argumento de Trotsky de que apenas uma revolução socialista pode libertar países semi-coloniais do imperialismo (Löwy, comunicação pessoal com Chilcote, 11 de fevereiro de 2009).
- 8 Howard e King acreditam que a visão de Trotsky é a ‘afirmação mais radical do socialismo revolucionário a ser encontrada até então no marxismo russo’ (1989: 223). Tarefas democráticas, eles argumentam, não podem ser alcançadas através de uma república

burguesa, mas apenas através de uma revolução socialista. Eles sustentam que a revolução permanente ‘é em consequência fechada dentro de uma contradição que só pode ser superada se a revolução se estender para além das fronteiras nacionais e se tornar ininterrupta ou ‘permanente’ na esfera internacional’ (225). Portanto, nenhuma revolução socialista teria sucesso isoladamente, mas apenas seria possível se o capital internacional fosse debilitado pela propagação da revolução para outras partes do mundo (233). A revolução socialista poderia começar em países isolados, mas só poderia ser alcançada em escala mundial (Callinicos, 1990: 11).

- 9 Jon Elster põe-se a examinar a questão levantada por Trotsky de que “a transição vindoura do capitalismo ao comunismo era crucialmente dependente de... um centro avançado e uma periferia atrasada” (1986: 55). Elster não acredita que a teoria do desenvolvimento desigual e combinado explique qualquer transição específica. Acredita também que Trotsky falhou em sua suposição de que se pudesse progredir por meio do potencial revolucionário dos países atrasados, aliado à tecnologia altamente desenvolvida dos países avançados.
- 10 Dos Santos insistiria que fundamentalmente ele não concorda com as hipóteses de Trotsky. Na prática, ele era influenciado pela possibilidade do socialismo democrático e pela idéia de que a burguesia nacional seria fundamental na construção das forças de produção a caminho do socialismo no Brasil.
- 11 Editoras influenciadas por Trotsky, tais como Pathfinder Press e Ocean Press, têm enfatizado o pensamento e a escrita de Guevara através da tradução e reimpressão de seu trabalho e trabalhos sobre ele escritos. Durante uma conferência em Havana em 1987, notei semelhanças nas perspectivas de Guevara e na visão de Trotsky sobre revolução permanente, só para serem veementemente refutadas por uma linha-dura comunista cubana.
- 12 No final dos anos 70, Adolfo Gilly, outro argentino de persuasão trotskista, criticara a intervenção trotskista na Guatemala, identificando erros subjetivos, vanguardistas, sectários e burocráticos (Munck, 1984: 94).
- 13 Pedrosa, que representava ‘a continuidade da revolução’ na *Em Tempo* Nº 140 (12 de novembro a 2 de dezembro de 1981), foi um membro da primeira comissão executiva da Quarta Internacional em 1938.
- 14 Garcia, um observador astuto e organizador essencial do Partido dos Trabalhadores (PT); para influências trotskistas no PT, veja Santos e Vida, 1982. Garcia

também ajudou a organizar o Arquivo Edgard Leuenroth do Centro de Documentação e Pesquisa em História Social, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que guarda importante documentação sobre a esquerda brasileira, e publica os Cadernos do Arquivo Edgard Leuenroth (com o primeiro número datado de julho de 1983).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, Robert J. (1973). *Trotskyism in Latin America*. Stanford: Hoover Institution Press. Reviewed by Maitan (1978).
- International Trotskyism 1929-1985*. Durham, North Carolina: Duke University Press.
- Ali, Tariq and Phil Evans (1980). *Trotsky for Beginners*. New York: Pantheon.
- ANDERSON, Jon Lee (1997). *Che Guevara. A Revolutionary Life*. New York: Grove Press.
- AVENAS, Denise (1975). *La pensée de Leon Trotsky*. Toulouse: Privat Editeur.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz (1962). *O caminho da revolução brasileira*. Rio de Janeiro.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz (1978), “Origins e evolução do PTB”, *Encontros com a Civilização Brasileira* 4 (October), 95-116.
- BARAN, Paul (1960). *The Political Economy of Growth*. New York: Prometheus. Originally published in 1957 by Monthly Review Press.
- BARUCH, Knei-Paz (1979). *The Social and Political Thought of Leon Trotsky*. Oxford: Oxford University Press.
- BLANCO, Hugo (1972). *Land or Death: the Peasant Struggle in Peru*. New York: Pathfinder Press.
- CALLINICOS, Alex (1990). *Trotskyism: concepts in Social Thought*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

- CAMPOS, José Roberto (1981). *O que é trotskyismo*. São Paulo: coleção Primeiros Passos (40), Editora Brasiliense.
- CÂNDIDO FILHO, José (1982). *O movimento operário: o sindicato, o partido*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Castañeda, Jorge G. (1997). *Compañero: the life and death of Che Guevara*. New York: Alfred A. Knopf.
- CHILCOTE, Ronald H. (1974). *The Brazilian Communist Party: conflict and integration, 1922-1972*. New York: Oxford University Press.
- CHILCOTE, Ronald H. (1984). *Theories of development and underdevelopment*. Boulder: Westview Press.
- CHILCOTE, Ronald H. (1992), "From popular power to bourgeois democracy: the case of Portugal." Chapter 4 in James Kurth and James Petras, p. 128-159, in *Mediterranean Paradoxes: the politics and social structure of Southern Europe*, Oxford: Berg Publishers.
- CHILCOTE, Ronald H. (1993), "Left Political Ideology and Practice," Ch. 10, p. 171-186 in Barry Carr and Steve Ellner (eds), *The Latin American Left: From the Fall of Allende to Perestroika*. Boulder: Westview Press.
- CHILCOTE, Ronald H. and Joel Edelstein (eds). (1974). *Latin America: The Struggle with Dependency and Beyond*. New York: Schenckman and Wiley.
- COGGIOLA, Osvaldo Luis Angel (1983), "Le mouvement trotskyste en Argentine: 1929-1959," Paris: PhD Dissertation: Ecole d'Hautes Etudes en Sciences Sociales, University of Paris, p. 629. In the Arquivo E Leunroth, Unicamp 0/2874, Campinas, Brazil.
- DEUTSCHER, Isaac (1954-1963). *The Prophet Armed. The Prophet Unarmed. The Prophet Outcast*. Oxford: Oxford University Press.
- DEUTSCHER, Isaac (ed) (1964). *The Age of Permanent Revolution: a Trotskyist Anthology*. New York: Dell Publishing.
- DOS SANTOS, Theotônio (1970), "The Structure of Dependence," *American Economic Review* 60 (May), 231-236.
- DOS SANTOS, Theotônio (1973). *Socialismo e fascismo: el nuevo carácter de dependencia e el dilemma latinoamericano*. Buenos Aires: Periferia.
- DULLES, John W. F. (1983). *Brazilian Communism, 1935-1945: repression during World Upheaval*. Austin: University of Texas Press.
- ELSTER, Jon (1986), "The Theory of Combined and Uneven Development: A Critique," pp. 54-77 in John Roemer (ed), *Analytical Marxism*. New York: Cambridge University Press.
- FERNANDES, Florestan (1981a), "Entrevista: Florestan Fernandes, a pessoa e o político", *Nova Escrita Ensaio*, 4 (December), 9-39. Interview with various intellectuals, including J. Chasin, Heleieth Saffioti, and others.
- FERNANDES, Florestan (1981b). *A revolução burguesa no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- FRANK, André Gunder (1966), "The Development of Underdevelopment", *Monthly Review* 18 (September), 17-31.

- FRANK, André Gunder (1967). *Capitalism and Underdevelopment in Latin America: Historical Studies of Chile and Brazil*. New York: Monthly Review Press.
- FRANK, Pierre (1979). *The Fourth International* [London: Ink Links].
- FRONDIZI, Silvo (1947). *La integración mundial, última etapa del capitalismo (respuesta a una crítica)*. Buenos Aires: Praxis. 2d ed, 1954.
- FRONDIZI, Silvo (1957). *La realidad argentina: ensayo de interpretación sociológico*. Buenos Aires: Praxis, 2 ed, 2 vols.
- FRONDIZI, Silvo (1960). *La revolución cubana: su significación histórica*. Montevideo: Editorial Ciencias Políticas.
- GERAS, Norman (1975), "Rosa Luxemburg after 1905", *New Left Review* 89 (January-February), 3-46.
- GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo (1969), "Internal Colonialism and National Development," pp. 118-139 in Irving Louis Horowitz, Josué de Castro, and John Gerassi (eds), *Latin American Radicalism*. New York: Vintage.
- GORENDER, Jacob(o) (1987). *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 3d ed. São Paulo: série Temas (3), Editora Ática.
- HART, Célia (2004), "Socialism in One Country and the Cuban Revolution," See text at [http://marxist.com/latinam/cuba\\_celia\\_hart100504.html](http://marxist.com/latinam/cuba_celia_hart100504.html). Her collected works are at <http://www.martist.org/achive/celia-hart/index.htm>.
- HART, Célia (2007), "How Can You not be a Trotskyist in the Cuban Revolution!" Interview with David Rey. July 6, 2007. Published in Spanish in *El Militante* (Buenos Aires) and available at [http://marxist.com/latinam/cuba\\_celia\\_hart100504.html](http://marxist.com/latinam/cuba_celia_hart100504.html) through The Walter Lippmann Web Site: Célia Hart Collection and the Marxists Internet Archive.
- HOWARD, M. C. and J. E. King (1989, 1992). *A History of Marxian Economics*. Vol. 1 1883-1929 and Vol. 2 1929-1990. Princeton: Princeton University Press. 2 vols.
- HOWE, Irving, ed. (1976). *The Basic Writings of Trotsky*. New York: Random House.
- LORA, Guillermo (1977). *A History of the Bolivian Labor Movement 1848-1971*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LÖWY, Michael (1973). *The Marxism of Che Guevara*. New York: Monthly Review Press. 2d ed. Rowman and Littlefield, 2008.
- LÖWY, Michael (1975), "Is there a Law of Arrested and Un-combined Development?" *Latin American Perspectives*, 2 (4): 118-120.
- LÖWY, Michael (1981). *The Politics of Combined and Uneven Development: The Theory of Permanent Revolution*. London: New Left Books.
- MAITAN, Livio (1978), "Apontes para una historia del trotskismo en América Latina," *Combate* 32 (1978).
- MANDEL, Ernest (1979). *Trotsky: A Study of the Dynamic of his Thought*. London: New Left Books.
- MANDEL, Ernest (1983), "In Defense of Permanent Revolution," *Intercontinental Press* 21, August 8, pp. 444-463. Reply to Doug Jenness.

- MANTEGA, Guido (1982), “Raízes e formação da economia política brasileira: a fase estagnacionista”. São Paulo: Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- MARINI, Ruy Mauro (1969). *Subdesarrollo y revolución*. Mexico City: Siglo Veintiuno Editores.
- MARINI, Ruy Mauro (1973). *Dialéctica de la dependencia*. Mexico City: Ediciones Era.
- MARINI, Ruy Mauro (1978), “World Capitalist Accumulation and Sub-Imperialism,” *Two Thirds* 1 (Fall), 29-39.
- MARTINS, Ernesto (1967), “A onde vamos?” Rio de Janeiro (?), mimeo. Gorender (1987: 39) cites an essay “Na história da POLOP. Um pouco da história da esquerda brasileira”, and essays in *Em Tempo* (October 4, 1979 and April 17, 1980).
- MONIZ, Edmundo (1980), “A crise mundial do imperialismo e Rosa Luxemburgo”, *Encontros com a Civilização Brasileira* 25 (July), 195-202.
- MORENO, Nahuel (1974). *El golpe gorila de 1955: las posiciones del Trotskismo*. Buenos Aires: Editora Pluma.
- MAVRAKIS, Kostas (1976). *On Trotskyism: Problems of Theory and History*. London: Routledge and Kegan Paul.
- MORTON, Adam David (2009), “Reflections on Uneven Development: Mexican Revolution, Primitive Accumulation, Passive Revolution,” Nottingham. Paper presented as the inaugural address of the Latin American Perspectives Fellowship at the University of California, Riverside, January 2008, and revised for publication in *Latin American Perspectives*.
- MUNCK, Ronaldo (1984), “Revolutionary Trends in Latin America,” Montreal. *Occasional Monograph Series* (17), Centre for Developing Area Studies, McGill University. Chapter 3, p. 79-118, entitled “Trotskyism in Latin America”.
- NOVACK, George (1970), *Intercontinental Press* 15 (November), Critique of Frank’s thesis of capitalist underdevelopment.
- NOVACK, George (1972). *Understanding History: Marxist Essays*. New York: Pathfinder.
- NOVACK, George (1976). ‘The Law of Uneven and Combined Development and Latin America,’ *Latin American Perspectives*, 3 (2): 100-06.
- NOVACK, George (1989), “Uneven and Combined Development and Ecological Crisis: A Theoretical Introduction,” *Race and Class* 30, (No. 3), 1-11.
- O’CONNOR, James (1970). *The Origins of Socialism in Cuba*. Ithaca: Cornell University Press.
- PEÑALOZA, Juan Ramón (1953). *Trotsky ante la revolución nacional latinoamericana*. Buenos Aires: Editorial Indo América.
- PRADO JÚNIOR, Caio (1966). *A revolução brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- RAMOS, Jorge Abelardo (1952). *La revolución nacional en Latinoamérica*. Buenos Aires: Ediciones del Mar Dulce.
- RAPTIS, Michel (1974). *Revolution and Counter-Revolution in Chile*. London: Alison and Busby.
- ROMAGNOLO, David (1975), “The So-called Law of Uneven and Combined Development,” *Latin American Perspectives* 2 (Spring), 7-31.
- ROSENBERG, J. (2005), “Globalisation Theory: A Post-Mortem,” *International Politics* 42 (1).

- SANTOS, Mário dos and Ricardo Guerra Vidal (1982), "A esquerda brasileira e o PT," *Internacionalismo* 2 (January-April), 19-36.
- SEGAL, Ronald (1979). *Leon Trotsky*. New York: Pantheon.
- SMITH, Murray E.G. 1996-1997. "Revisiting Trotsky: Reflections on the Stalinist Debacle and Trotskyism as Alternative," *Rethinking Marxism* 9, nº 3 (Fall), 40-67.
- STAVENHAGEN, Rodolfo (1968), "Seven Fallacies about Latin America," p. 13-31, in James Petras and Maurice Zeitlin, *Latin America: Reform or Revolution?* Greenwich, Connecticut: Fawcett Publications.
- TROTSKY, Leon (1957), *History of the Russian Revolution*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- TROTSKY, Leon (1959). *The Russian Revolution: The Overthrow of Tzarism and The Triumph of the Soviets*. Selected and Edited by F.W. Dupee. Garden City New York: Doubleday Anchor. Drawn from Leon Trotsky, *The History of the Russian Revolution*.
- TROTSKY, Leon (1961). *Por los estados unidos socialistas de América Latina*. Buenos Aires: Editorial Coyoacán.
- TROTSKY, Leon (1964a), "The Theory of Permanent Revolution," pp. 62ff in Isaac Deutscher (ed), *The Age of Permanent Revolution*.
- TROTSKY, Leon (1964b). *The Age of Permanent Revolution: A Trotsky Anthology*. New York: Dell Publishing. Edited by Isaac Deutscher.
- TROTSKY, Leon [(1970) (1930)]. *The Permanent Revolution*. New York: Pathfinder Press. Pioneer Press, 1962.
- VALLE, Martín (1981), "História do Trotskyismo argentino' (de sua origem até 1945)," *Internacionalismo* Part I in 1 (October), 95-111; Part 2 in 2 (January-April 1982), 89-106.
- VITALE, Luis (1967). *Interpretación marxista de la historia de Chile*. Santiago: Edicions de Prensa Latinoamericana.
- VITALE, Luis (1968), "Latin America: Feudal or Capitalist?" p. 32-43, in James Petras and Maurice Zeitlin (eds), *Latin America: Reform or Revolution?* Greenwich, Connecticut: Fawcett Publications.
- VOLKOGONOV, Dimitri (1996). *The Eternal Revolutionary*. New York: Free Press.
- WALD, Alan (1994-1995), "The End of American Trotskyism?" *Against the Current*. Part 19 (November-December 1994), 29-32; Part 19 (January-February 1994), 34-38; Part 3 10) March-April 1995), 33-37.
- WILSON, Edmund (1972). *To the Finland Station*. New York: Farrar, Straus & Giroux and London: Macmillan.